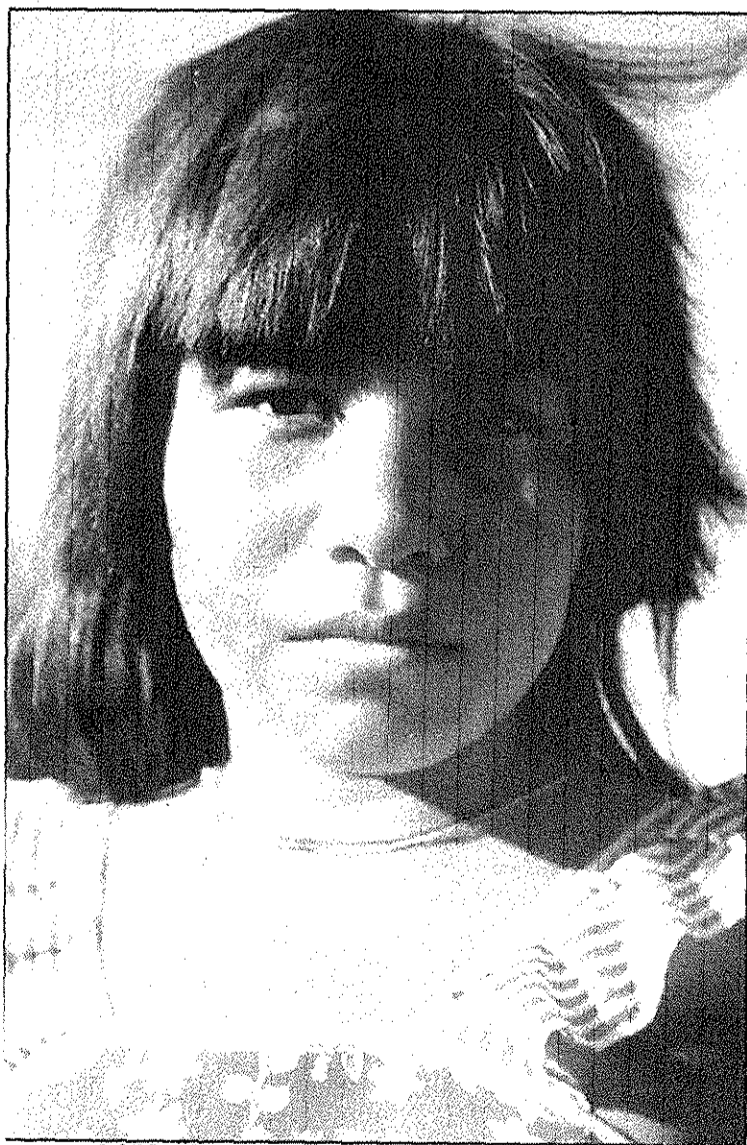


# EXÍLIO na própria terra

▶ Índios lutam pelos seus territórios, dignidade e cultura



FOTOS LEONARDO MORAIS



A VIOLENCIA nas aldeias Maxacali, potencializada pela bebida, pode causar um genocídio da etnia

## Maxacali bebe álcool puro e desodorante no lugar da cachaça

PATRICIA PEREIRA  
SUCURSAL LESTE

Os índios Maxacali já não bebem mais cachaça. Preferem álcool puro, que é mais fácil de adquirir. Ou então acetona e desodorante. Por causa disso, são considerados perigosos, uma vez que, sob o efeito de substâncias químicas, se agredem mutuamente. O alcoolismo já provocou diversas mortes entre eles. O problema, que atualmente é de quase toda a comunidade Maxacali, é histórico, e teria começado há mais de 50 anos, quando os fazendeiros teriam obrigado os índios a trabalhar em troca da bebida.

Na tentativa de resolver o problema, que pode se transformar no genocídio da etnia, a Funai e a Secretaria de Estado do Trabalho, Assistência Social, da Criança e do Adolescente vêm realizando trabalhos na área da aldeia, próximo ao município de Bertópolis para verificar a melhor forma de trata-

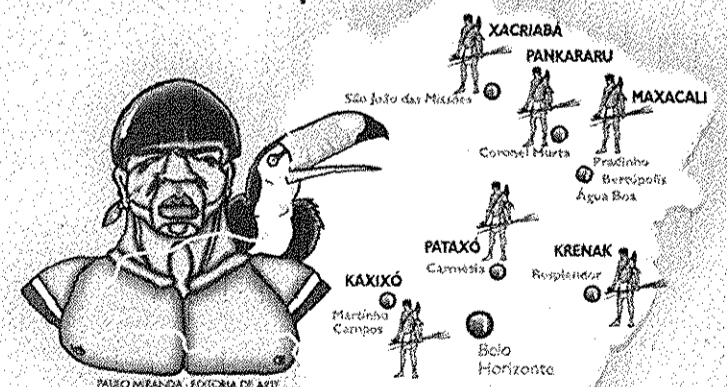
mento do alcoolismo entre os Maxacali. "A conquista da terra pode amenizar o problema, mas não vai resolver. O problema é histórico", observa o administrador-executivo da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada.

Assim como os Krenak, os Maxacali estão a um passo de conquistar suas terras de volta. A Funai aguarda a decisão da Justiça Federal, que vai definir a data para a desocupação da terra pelos fazendeiros e ocupação imediata pelos índios. Cabe à Justiça Federal decidir também se a indenização aos fazendeiros pelas benfeitorias será feita em juízo, uma vez que eles não aceitaram os valores propostos. Para evitar que haja violência por parte dos Maxacali, principalmente quando sob efeito do álcool, a Funai vem fazendo um trabalho de orientação na aldeia, esclarecendo que as terras já pertencem a eles e que a expectativa é de que a retirada dos fazendeiros aconteça em breve.

O POVO Maxacali luta pela posse de parte de suas terras, no Vale do Mucuri, ocupadas por fazendeiros há mais de 50 anos

### Povos indígenas em Minas

De acordo com a Funai, Minas Gerais possui uma população indígena estimada em 6.200 índios, embora o Cimi/CNBB estime um total de 7.500 pessoas.



#### Krenak

Os índios Krenak, expulsos de suas terras desde o início do século, receberam de volta a posse de cerca de 4 mil hectares, em Resplendor, Vale do Rio Doce, em abril do ano passado. Atualmente, 142 índios vivem na área, desenvolvendo projetos agrícolas, num convênio entre Ministério da Agricultura, Emater e Funai.

#### Maxacali

Os Maxacali, que vivem num grupo de 850 índios, divididos em duas aldeias - Água Boa e Pradinho - nos municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis, no Vale do Mucuri, lutam para reconquistar as suas terras. Eles querem que a área já está demarcada, e os 1,9 mil hectares, nas mãos de fazendeiros, sejam desapropriados com urgência. Têm característica nômade.

#### Pataxó

Na Fazenda Guarany, em Carmésia, no Leste Mineiro, vivem cerca de 200 índios - a maioria Pataxó e uns poucos Krenak, desde 1972. Com a área demarcada, não têm problemas com posseiros.

#### Xacriabá

Vivem numa grupo de 5.100 índios, o maior em Minas, em São João das Missões, no Norte do Estado. Os Xacriabá ocupam uma área de 46,4 mil hectares.

#### Pankararú

Povo oriundo do Estado de Pernambuco, um pequeno grupo de cinco famílias de Pankararú ocupa 60 hectares de terra da Diocese de Araçuaí, em regime de comodato, no município de Coronel Murta, desde 1993.

#### Kaxixó

Os Kaxixó lutam para o reconhecimento oficial da sua etnia. São mais 100 Kaxixó que vivem numa área em Martinho Campos, no Alto São Francisco. A Funai não reconheceu o grupo como tribo indígena, depois da realização de um estudo antropológico.

GUSTAVO WERNECK

**D**ia de índio. Resistência. Indignação. Por mais que o Brasil "civilizado" tente avançar no mundo globalizado, navegue na internet e se orgulhe da estabilidade da sua moeda, não pode se esquivar dos "legítimos donos da terra". Magros, cobertos de trapos onde já reluziram coloridas plumagens, cara de esfomeados, os 350 mil índios brasileiros clamam por cidadania, terra, lei e dignidade. E, apesar dos pesares - como o alcoolismo, doenças, ação de mineradoras e madeireiras - parecem ter fôlego para muito mais.

Só em Minas, eles são mais de sete mil, divididos por regiões como Norte de Minas, Jequitinhonha, Mucuri, vales do Aço e Rio Doce (ver quadro). Mesmo com a distância entre as tribos e problemas diferenciados, as nações indígenas mineiras se organizam e dão um "grito de guerra" conjunto pelos seus direitos. Há alguns, como os kaxixó, empenhados em provar até mesmo que são índios.

"Queremos manter as nossas tradições, a nossa cultura, os usos e costumes de nosso povo", esbraveja o vice-cacique dos kaxixó, Jerry, morador em Martinho Campos, região do Alto São Francisco. Pelo nome, porte e linguagem, Jerry poderia ser confundido com qualquer jovem da capital. Ao participar, porém, da Semana dos Povos Indígenas, em Belo Horizonte, preferiu ostentar pintura no rosto e cocar na cabeça. E cara de índio.

### Trombone

Recebidos pelo cardeal Dom Serafim, pelo governador Eduardo Azeredo, pelo prefeito Célio de Castro e pela Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, as lideranças botaram a boca no trombone. Nem tímidos nem lacônicos, gritaram a favor de um julgamento correto dos adolescentes que assassinaram, há um ano, o pataxó Galdino, em Brasília. Contra o massacre de Eldorado de Carajás, há dois anos. E a favor da demarcação do território maxakali, em Bertópolis, Vale do Mucuri, invadido há mais de 50 anos por fazendeiros.

Além disso, eles querem a aprovação, pelo Congresso, do Estatuto do Índio, engavetado desde 91. "Com a lei, garantem-se os direitos", dizem os membros do Cimi/CNBB. A passagem de várias lideranças indígenas por BH, deixa um saldo positivo. Pelo menos no coração e memória das crianças. O Instituto Efigênia Vidigal, por exemplo, recebeu as tribos, com as quais debateram o real sentido da data de hoje: "O 19 de abril é dia do índio ou Todo dia é dia de índio?", eis a questão. A resposta foi quase unânime: "Eles precisam mesmo é de respeito para os seus direitos e valorização de sua cultura. Não só hoje, mas sempre".